Tales Faria

Com Datafolha, PL pressiona Bolsonaro por Michelle candidata

Deputados e senadores do PL pressionam o presidente nacional do partido, Valdemar Costa Neto. Querem que ele convença o ex-presidente da República Jair Bolsonaro (PL) a escolher a mulher, Michelle Bolsonaro, como sua candidata à Presidência da República.

O movimento já vinha tomando força desde que Eduardo Bolsonaro, o filho Zero3 do ex-presidente, fugiu para os Estados Unidos a fim de articular punições de Donald Trump contra o Brasil. Cresceu com a divulgação da pesquisa Detafolha deste domingo, 3.

Na avaliação de lideranças do PL, Eduardo era o herdeiro mais forte do espólio político do pai. Mas, agora que bateu de frente com o Supremo Tribunal Federal (STF), ele ficou fora do páreo. Perdeu eleitores e acabará legalmente inelegível.

Com Eduardo fora do páreo, o nome preferido entre aliados de Bolsonaro é o do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Mas, para o PL, Tarcísio tem um problema: é de outro partido, o Republicanos. E não tem uma relação muito boa com Valdemar.

Michelle, além de ser do PL, teria, segundo lideranças do partido, maior penetração do que Tarcísio entre evangélicos e no eleitorado feminino.

Na pesquisa Datafolha, Michelle figura como a mais bem colocada da família na preferência do eleitorado. O Datafolha foi às ruas nos dias 29 e 30 de julho, tendo entrevistado 2.004 eleitores em 130 municípios.

No cenário de 1º Turno em que Michelle consta da pesquisa, ela está à frente de qualquer outro membro da família nos seus cenários. E supera até mesmo Tarcísio de Freitas, quando colocada no lugar do governador como candidata.

Na comparação do seu cenário com os dos demais membros da família, Michelle alcança 24% das intenções de voto contra 39% do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Eduardo Bolsonaro só chega a 20% e Flávio, a 18%.

Nem Tarcísio ganha de Michelle na comparação de cenários de 1º Turno, quando substitui a mulher de Bolsonaro. Ele alcança 21% das intenções de voto, contra 38% de Lula.

Mas Tarcísio se sai melhor do que Michelle no cenário de 2º Turno. Ele tem 41% das intenções de voto contra 45% do presidente, enquanto Michelle perderia de 40% a 48%. Os filhos Eduardo e Flávio, de Bolsonaro, ficariam ambos no patamar de 37% contra Lula num eventual 2º turno.

O apoio de mulheres e evangélicas bolsonaristas pela candidatura de Michelle não fica só no PL. Aparece até mesmo entre políticos do partido de Tarcísio, o Republicanos.

No último dia 18, durante entrevista coletiva de imprensa de líderes de oposição sobre a colocação de tornozeleira eletrônica em Bolsonaro, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) discursou:

"Nasceu uma grande líder. Bolsonaro vai se calar e quem vai nos conduzir neste momento é a maior líder da oposição, a maior líder da nação conservadora."

Damares convocou o exército das donas de casa bolsonaristas, especialmente as evangélicas, criticou a ida da Polícia Federal à casa do casal Bolsonaro e afirmou que Michelle reagiu "como uma leoa" à chegada dos policiais.

A senadora anunciou, como se estivesse num comício de lançamento de candidatura, que, a partir de agora, a mulher de Bolsonaro será "a maior líder que esta nação poderia esperar".

O problema de Michelleestá em sua própria família. Jair Bolsonaro nunca gostou da ideia de entregar seu espólio a uma mulher, mesmo sendo esposa. Os filhos 01,02 e 03 não morrem de amores por ela. Carlos chegou a romper. O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) acha que, com Eduardo fora do páreo, ele é a bola da vez, até por ter lidrança sobre o PL do Rio de Janeiro.

Fernando Molica

Duguay-Trouin, o Trump do século XVIII

Há muito tempo nas águas da Guanabara, o corsário René Duguay-Trouin, a serviço do rei francês, fez o que Donald Trump tenta fazer, e, em 1711, sequestrou o Brasil — no caso, a cidade do Rio de Janeiro.

Contada no romance "O nobre sequestrador" (Record), de Antônio Torres, a pilhagem arrecadou, entre outros itens, 600 quilos de ouro, 610 mil cruzados, cem caixas de açúcar, 200 bois e escravizados. Em troca do pagamento, o invasor não destruiu a cidade, então com 12 mil habitantes.

A exemplo do presidente norte-americano, Duguay-Trouin — hoje eternizado em bronze na cidade de Saint-Malo, na Bretanha — também queria garantir liberdade para uns amigos; no caso, os compatriotas aprisionados desde o francasso de outra expedição corsária, a liderada no ano anterior por Jean-François Duclerc, que acabaria preso e assassinado no Rio.

As circunstâncias históricas e as motivações de cada sequestrador são, claro, completamente diferentes. Mas o básico permanece. Como ocorreu há 314 anos, uma grande potência ameaça o Brasil e exige o pagamento de um resgate (no caso, fim do processo contra Jair Bolsonaro e aliados) para não provocar danos terríveis, que afetariam a população.

Mas no ataque ocorrido no século XVIII, os estrangeiros, a bordo de 15 naus, não contavam com qualquer tipo de apoio por aqui: portugueses — que mandavam nessas terras — e nascidos no Brasil demonstraram união contra o invasor. A expressão "quinta coluna" sequer havia sido inventada.

O livro registra que 40 mulheres famintas chegaram a se oferecer aos franceses em troca de pão, mas acabaram repelidas pelos piratas.

A população local, porém, não escapou de uma solitária traição, motivada pela covardia do responsável pelo Rio, o governador Francisco de Castro Morais. Numa outra relevante assimetria em relação ao que ocorre hoje, o político ignorou avisos de que a esquadra invasora se aproximava e, depois, fugiu à luta: desertou, negociou a rendição com os franceses, limpou os cofres da cidade e da população e aceitou pagar o resgate exigido por Duguay-Trouin.

"Todo mundo acusou o governador, implacavelmente. O ponto o ameaçava de morte, chamando-o de traidor. 'Este covarde nos vendeu. E entregou os nossos pertences aos bandidos'", narra Antônio Torres. O escritor ainda ressalta a punição moral aplicada ao entreguista: "Puseram-lhe um apelido que o marcaria por toda a vida, como o ferro na pele do gado: Vaca".

Castro Morais e outros cúmplices acabariam julgados em 1712. Ele acabaria condenado ao degredo e à prisão perpétua, que deveria ser cumprida na Índia. Seus bens teriam que ser sequestrados. Torres conta, porém, que Vaca teria recebido uma espécie de anistia.

O covarde pode até ter se livrado de punições mais severas, mas não escapou da história. Sua fraqueza e seu entreguismo ficaram marcados na história: o apelido de Vaca também serve como advertência aos que, séculos depois, reproduzem um comportamento bovino e subserviente em relação ao invasor.

Sérgio Cabral

O homem cordial

Em Natal, no último dia 26 de julho, um ex jogador de basquete, Igor Pereira, desferiu 61 socos na sua namorada, Juliana Garcia, dentro do elevador do prédio onde mora o patife covarde. Não fosse a interferência do porteiro e Juliana poderia ter morrido, caso continuasse a levar socos do brutamonte.

Nelson Rodrigues, escritor, cronista e dramaturgo, na sua primeira peça teatral, "A mulher sem pecado", de 1941, cunhou em um dos seus personagens a seguinte frase: "Bata na sua mulher, você pode não saber porque está batendo, mas ela sabe porque está apanhando".

Passados mais de 80 anos da infeliz frase de um dos nossos maiores autores, os dados demonstram que a violência contra a mulher no Brasil é uma chaga longe do fim.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública e da Agência Patrícia Galvão, em 2024 foram registrados 87.545 estupros e estupros de vulnerável. 66% dos casos ocorreram dentro de casa, 77% das vítimas tinham menos de 14 anos e 88% eram do sexo feminino.

Os dados são cruéis: 10% tinham entre 0 e 4 anos, 18% entre 5 e 9 anos, 33% entre 10 e 13 anos e 16% entre 14 e 17 anos. 56% das vítimas são negras.

No ano passado foram registrados 1.492 feminicídios no Brasil. O maior número desde 2015, quando foi sancionada a Lei nº 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, que alterou o Código Penal para incluir o feminicídio como uma qualificadora do crime de homicídio. Foram 3.870 tentativas de feminicídio em 2024, 19% a mais do que em 2023.

2024 foi o ano com o maior número de casos registrados de violência sexual da história do país: 87.545 casos. 77% de estupro de vulnerável e 23% de estupro.

Somente em 2024, 4 mulheres foram vítimas de feminicídio por dia no Brasil. 64% das mulheres eram negras. 71% tinham entre 18 e 44 anos de idade. 8, em cada 10, foram assassinadas pelo companheiro ou ex-companheiro. 64% foram mortas na própria residência. 97% dos assassinos eram homens.

No ano passado foram 1.067.556 acionamentos ao 190, o que equivale a 2 chamadas por minuto. 551.001 medidas protetivas de urgência (MPU) foram concedidas em 2024, crescimento de 7% em relação a 2023. 101.656 MPUs foram descumpridas pelos agressores (aumento de 11% em relação a 2023). Foram registrados 51.866 casos de violência psicológica- aumento de 7%, 95.026 registros de stalking (perseguição física ou virtual), 18,2% a mais do que em 23, e 747.683 casos de ameaças, uma irrisória queda de 0,8%.

Todos esses chocantes dados são mais assustadores pelo fato do Brasil ainda carecer de uma rede estruturada de apoio às vítimas. Por mais que tenhamos avançado nas últimas décadas pós redemocratização. Ainda há milhares de mulheres que sofrem caladas, diariamente, abuso de seus parceiros. Por diversas razões. Mas todas elas decorrem da carência de assistência de acolhimento. Seja de natureza psicológica, seja de ceticismo à penalidade do parceiro.

O homem brasileiro continua a ser um dos mais brutais do planeta dentre as nações democráticas. Claro, me refiro às que buscam incessantemente o Estado Democrático de Direito.

O intelectual Sérgio Buarque de Holanda, autor do clássico Raízes do Brasil, publicado em 1936, se vivo fosse, por certo revisitaria seu clássico da sociologia para uma profunda revisão do conceito de que o brasileiro é "um homem cordial".

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

EDITORIAL

O bem-estar vai além do social

O mercado de trabalho, tradicionalmente focado em produtividade e resultados financeiros, está passando por uma transformação significativa. O bem-estar social, que engloba a saúde física e mental, o equilíbrio entre vida pessoal e profissional e a sensação de pertencimento, emerge como um pilar fundamental para o sucesso das organizações.

Longe de ser um luxo, investir no bem-estar dos colaboradores tornou-se uma estratégia de negócio crucial para reter talentos, aumentar a produtividade e construir um ambiente de trabalho mais saudável e inovador.

A pressão por resultados, o ritmo acelerado e a constante conectividade podem gerar um cenário propício ao esgotamento profissional, o famoso burnout. Esse quadro, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde, não só afeta a saúde dos indivíduos, mas também impacta negativamente as empresas, resultando em altas taxas de absenteísmo, rotatividade e queda na qualidade do trabalho. A busca por um ambiente de trabalho que promova o bem-estar social é uma resposta direta a esse desafio.

Empresas que priorizam o bem-estar social implementam diversas ações, como horários de trabalho flexíveis, programas de apoio psicológico, benefícios de saúde abrangentes e espaços de convivência. Além disso, promovem uma cultura de respeito e inclusão, onde a diversidade é valorizada e cada colaborador se sente parte de algo maior. Essa abordagem não se limita a benefícios tangíveis; ela se estende a uma mudança de mentalidade, onde o ser humano é visto como o ativo mais valioso da organização.

O impacto dessa mudança é mensurável. Estudos indicam que colaboradores felizes e saudáveis são mais engajados, criativos e resilientes. Eles se tornam verdadeiros embaixadores da marca, atraindo novos talentos e fortalecendo a reputação da empresa. Em um mundo onde a competição por profissionais qualificados é acirrada, o bem-estar social se torna um diferencial competitivo, um atrativo poderoso para as novas gerações que buscam mais do que um salário: querem um propósito e um ambiente de trabalho que respeite suas vidas e aspirações.

O bem-estar social não é apenas uma tendência passageira, mas uma necessidade estratégica para o mercado de trabalho moderno. Ao colocar as pessoas em primeiro lugar, as empresas não apenas cumprem um papel social importante, mas também pavimentam o caminho para um crescimento sustentável e duradouro.

Um símbolo para o esporte nacional

No último sábado, o Brasil confirmou sua supremacia continental ao vencer a Colômbia na final da Copa América Feminina. Foi suado, foi nos pênaltis, foi no drama, mas foi mais uma conquista histórica: a nona em dez edições do torneio, sendo a quinta consecutiva. Em meio às comemorações e aos méritos coletivos da Seleção, é impossível não destacar a presença de um nome que transcende estatísticas e troféus: Marta.

Aos 39 anos, Marta continua sendo mais do que uma jogadora, é um símbolo de resistência, excelência e paixão pelo esporte. Em um país que historicamente relegou o futebol feminino ao esquecimento, ela construiu, com os próprios pés, uma carreira que hoje é incontestável. Melhor do mundo seis vezes, maior artilheira da história das Copas (entre homens e mulheres), e inspiração de gerações, Marta representa a síntese do que é ser atleta: técnica refinada, compromisso inabalável e uma competitividade que desafia o tempo.

A final contra a Colômbia foi um retrato claro de como o futebol feminino cresceu e se fortaleceu na América do Sul. O equilíbrio da partida e a necessidade dos pênaltis para definir a campeã mostram que o caminho rumo à valorização do futebol feminino está em curso. Mas, para que chegássemos até aqui, figuras como Marta foram fundamentais. Ela enfrentou preconceitos, falta de estrutura e desinteresse institucional durante boa parte da carreira, e mesmo assim nunca se acomodou. Ao contrário, construiu uma trajetória digna de Pelé, Ayrton Senna ou qualquer outro gigante do esporte brasileiro.

Mesmo que sua participação em campo seja menos frequente do que nos tempos áureos, Marta segue sendo diferenciada.

Opinião do leitor

Tiro no pé

Donald Trump é o maior e mais poderoso amigo do contra da família Bolsonaro. Exagerou na punição ao ministro do STF, Alexandre de Moraes. Avançou completamente o sinal do bom senso. Abissal tiro no pé. Manifestações dos 3 Poderes da República saíram em defesa de Moraes.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA

Correio da Manhã
O "Conde Zeppelin" atingirá hoje o Brasil

HÁ 95 ANOS: SEBASTIÃO LEME JÁ AVALIA RETORNO AO BRASIL

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1930 foram: Tratado naval na Câmara dos Comuns é ratifi cado em definitivo. Metalúrgicos e operários das fábricas de tecidos de Lille entram em greve. Terremoto no sul da Itália deixa a população afl ita por novos incidentes ambientais. Governo português avalia mudanças na equipe. Cardeal Sebastião Leme está perto de retornar ao Brasil.

HÁ 75 ANOS: EDUARDO GOMES LEVA MULTIDÃO NO MATO GROSSO

As principais notícias do Correio da Manhã em 31 de julho de 1950 foram: Eduardo Gomes leva multidão às ruas de Cuiabá e faz um discurso em defesa da nação. Diplomata soviético Jacob Malik presidirá o Conselho de Segurança da ONU, sob os olhares céticos das nações latino-americanas. Ministério do Trabalho fi cará isento nas eleições dos sindicados, afirma o presidente Dutra.

Correio da Manhã
Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.